



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

RENAN NASCIMENTO DA SILVA

**VIVÊNCIAS NEGRAS NA CIDADE: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA OBRA *O
MAPA DE CASA*, DO POETA JORGE AUGUSTO**

JOÃO PESSOA
2024

RENAN NASCIMENTO DA SILVA

**VIVÊNCIAS NEGRAS NA CIDADE: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA OBRA *O
MAPA DE CASA*, DO POETA JORGE AUGUSTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação dos Cursos de Graduação presenciais de
Licenciatura em Letras, da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito para obtenção do título de
licenciado em Letras – Língua Portuguesa

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Franciane Conceição da Silva

JOÃO PESSOA
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586v Silva, Renan Nascimento da.

Vivências negras na cidade : uma reflexão a partir da obra O Mapa De Casa, do poeta Jorge Augusto / Renan Nascimento da Silva. - João Pessoa, 2024.
37 f.

Orientadora : Franciane Conceição da Silva.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências, Letras e Artes, 2024.

1. Augusto, Jorge. 2. Vivências negras - Cidade. 3. Identidade e Memória. I. Silva, Franciane Conceição da. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82(81:6)

RENAN NASCIMENTO DA SILVA

VIVÊNCIAS NEGRAS NA CIDADE: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA
OBRA *O MAPA DE CASA*, DO POETA JORGE AUGUSTO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO apresentado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Franciane Conceição da Silva (UFPB/DLCV)
Orientadora

Profa. Dra. Fabiana Carneiro da Silva (UFPB/DLCV)
Examinadora

Profa. Dra. Flávia Santos de Araújo (UFPB/DLEM)
Examinadora

Profa. Dra. Maria Aparecida Cruz de Oliveira (UFPB/DLCV)
Examinadora Suplente

Dedico este trabalho a todas às pessoas negras que tiveram suas vivências ignoradas, como uma pequena forma contribuição para amplificar as suas vozes e promover a visibilidade das suas existências.

AGRADECIMENTOS

Quero expressar minha profunda gratidão a todos que contribuíram para a realização deste trabalho de conclusão de curso. Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, cujo amor foi a base sólida para a construção do que eu sou hoje.

Um agradecimento especial à minha dedicada professora e orientadora, Profa. Dra. Franciane Conceição da Silva, que não apenas me guiou academicamente, mas também me inspirou a alcançar o melhor de mim.

À banca examinadora, nas pessoas da Profa. Dra. Fabiana Carneiro da Silva e Profa. Dra. Flávia Santos de Araújo, expresso minha gratidão pelos valiosos *insights* e críticas construtivas que me ajudaram a aprimorar este projeto. Seu tempo e expertise são imensamente apreciados.

Agradeço também à UFPB por proporcionar um ambiente de aprendizado estimulante e por ampliar a minha visão de mundo.

Por fim, não posso deixar de mencionar meus amigos, cujo apoio, incentivo e compreensão foram fundamentais durante os desafios enfrentados ao longo deste percurso. Obrigado Mailing Félix e Stefany Ferreira por sempre acreditarem no meu potencial.

Obrigado Aline Gouveia, Aline Ferreira, Cybelle Sousa, Marcelo Felinto, Mayara Bezerra; o companheirismo de cada um de vocês tornou essa jornada mais leve e significativa.

Obrigado ao meu amigo Jefferson Araújo por ser um exemplo de pessoa que ama a poesia.

Agradeço sinceramente a todos/as, incluindo aqueles que não foram mencionados aqui, pelo apoio e contribuição. Este trabalho não teria sido possível sem cada um/a de vocês.

Na mais rica metrópole, suas várias contradições
É incontável, inaceitável, implacável, inevitável
Ver o lado miserável se sujeitando com migalhas, favores
Se esquivando entre noite de medo e horrores
Qual é a fita, treta, cena
A gente reza, foge, e continua sempre os mesmos problemas

Racionais MC's

RESUMO

Os espaços urbanos são permeados por diversas narrativas e vivências que se entrelaçam ao longo do tempo, refletindo o passado, presente e futuro de uma comunidade. A cidade não é apenas um local físico, mas também um espaço simbólico onde se manifestam conflitos, aspirações e sonhos compartilhados, influenciando as identidades individuais e coletivas. Tendo em vista isso, o presente trabalho tem como objetivo estudar os vários aspectos da vivência negra dentro do contexto da cidade, a partir da análise dos poemas “Iniciação”, “Paisagens de casa” e “Retratos de casa”, retirados da obra poética *O Mapa de Casa* (2023), do poeta baiano Jorge Augusto. Além disso, iremos refletir sobre o impacto que o ambiente urbano pode ter na formação da identidade e construção da memória de pessoas negras e o papel da literatura como ferramenta de afirmação identitária. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e qualitativo. Como fundamentação teórica, utilizaremos os estudos Joice Berth (2023), Candau (2011), Cuti (2010), Goldstein (2006), entre outros/as.

Palavras-chave: Jorge Augusto; Vivências negras; Identidade e memória; Cidade.

ABSTRACT

Urban spaces are permeated by diverse narratives and experiences that intertwine over time, reflecting the past, present and future of a community. The city is not just a physical place, but also a symbolic space where conflicts, aspirations and shared dreams are manifested, influencing individual and collective identities. With this in mind, this paper aims to study the various aspects of black experience within the context of the city, based on an analysis of the poems “Iniciação”, “Paisagens de Casa” and “Retratos de casa”, taken from the poetic work *O Mapa de Casa* (2023), by the Bahian poet Jorge Augusto. In addition, we will reflect on the impact that the urban environment can have on the formation of identity and the construction of the memory of black people and the role of literature as a tool for affirming identity. This is a bibliographical and qualitative study. As a theoretical foundation, we will use the studies of Joice Berth (2023), Candau (2011), Cuti (2010), Goldstein (2006), among others.

Keywords: Jorge Augusto; Black experiences; Identity and memory; City.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 Literatura como Ferramenta de Afirmação Identitária.....	12
1.2 A Grande Triade da Existência Poética.....	14
2. DESBRAVANDO OS ESPAÇOS URBANOS NA OBRA <i>O MAPA DE CASA</i>.....	15
2.1 Iniciação: Resistência, memória e transformação	16
2.2 Retratos de casa: O além entre os aléns periféricos.....	19
2.3 Paisagens de casa: Uma cascata de processos históricos	23
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26

REFERÊNCIAS

ANEXOS

1 INTRODUÇÃO

Desde os primeiros assentamentos da espécie humana até a criação das grandes metrópoles modernas, as cidades têm desempenhado um papel importante na modificação de como os indivíduos se percebem e percebem os outros, sendo difícil conceber as vivências humanas sem considerar esse fenômeno social que as cidades representam. Em outras palavras, as cidades têm impacto na construção da memória e da identidade do indivíduo.

Nessa perspectiva, como nativo urbano de uma das periferias do município de Sapé, PB, pude observar empiricamente desde cedo as diferenças comportamentais e as distintas visões de mundo presentes nos diversos espaços da minha cidade. Mesmo naquele momento, carecendo de suporte teórico para articular coerentemente tais ideias, foi possível constatar essa diversidade. Posso afirmar que essa percepção das discrepâncias associadas ao ambiente urbano se intensificou notavelmente quando me vi diante da necessidade de mudar de bairro e, principalmente, ao efetuar minha primeira mudança de cidade.

Além disso, posso citar outro momento importante na minha jornada de reflexões: a minha entrada na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no curso de Licenciatura em Letras Português. Além de frequentar um novo ambiente e perceber como ele é diverso, a esfera acadêmica me proporcionou os conhecimentos necessários para começar a pensar de forma crítica. Posso dizer que esse conhecimento foi consolidado na disciplina de “Literatura II – Campo, Sertão e Cidade”, ministrada pela Prof.^a Franciane Conceição da Silva, especificamente, em um seminário em grupo que abordava a cidade sob vários aspectos e, na qual, fiquei responsável por refletir sobre a relação entre a memória, identidade e cidade a partir de um poema escolhido por mim.

Após a professora Franciane me aceitar como seu orientando, discutimos quais seriam as possíveis temáticas a serem desenvolvidas no meu trabalho de conclusão de curso. Em determinado momento, ela me perguntou se existiria algum tópico abordado em sala de aula em que eu tivesse interesse em trabalhar, e então surgiu a ideia de trabalhar com a identidade e a memória dentro do contexto da cidade. A obra *O Mapa de Casa* (2023), do poeta Jorge Augusto, se mostrou perfeita para essa proposta.

Portando, com o intuito de refletir sobre essa temática, o presente trabalho tem como objetivo analisar os vários aspectos da vivência negra no contexto da cidade que estão presentes nos poemas “Iniciação”, “Retratos de casa” e “Paisagens de casa”, extraídos da obra poética *O Mapa de Casa* (2023), do poeta baiano Jorge Augusto, além de refletir sobre o impacto que esse ambiente urbano pode ter na formação da identidade da pessoa negra.

A metodologia utilizada é de abordagem bibliográfica e qualitativa, com ênfase em compreender os elementos que exercem impacto na formação de uma identidade negra tendo a cidade como contexto.

Como suporte teórico para esta pesquisa, utilizamos os estudos de Joice Berthe (2023) sobre a necessidade de analisar o espaço urbano a partir de um recorte de raça e gênero. Outras referências teórico-críticas foram utilizadas, visto que cada poema possui suas particularidades e invocam temáticas, consequentemente, fontes de análises diversas.

Além disso, consideramos importante pensar a identidade em conjunto com o conceito de memória:

[...] a memória é “geradora” de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a “incorporar” certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais [...] (Candau, 2011, p. 19)

Em outras palavras, a memória entra nessa reflexão por ser um conceito intimamente ligado à identidade, podendo ser considerados até mesmo como conceitos indissociáveis, uma vez que, as representações mentais que construímos de nós mesmos são moldadas por meio das experiências vivenciadas por nós e pelos outros. A transmissão das memórias de um grupo e, consequentemente, suas interpretações, frequentemente altera nossa compreensão do presente e desenha as linhas que delimitam nossas histórias individuais dentro das narrativas presentes na sociedade. Como Joël Candau (2011) pontua, “Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente”.

No tópico a seguir, abordaremos a busca da identidade sobre o prisma da poética negra.

1.1 A Literatura como Ferramenta de Afirmação Identitária

Diante da natureza do recorte temático, é apropriado trazer algumas considerações sobre a poética de autoria negra e sua importância para a formação da identidade.

Nesse viés, a literatura e, por consequência, a poesia tem o potencial de desempenhar diversas funções na sociedade, tais como, entretenimento, propaganda política, educação e preservação de memória de um povo, entre outras. Para além disso, como expõe Konder (2005, p. 14), “a poesia tem trazido para os homens elementos sensíveis, preciosos para eles se conhecerem melhor, para um incessante *descobrimento* – e uma constante *invenção* - de si mesmos”. Konder continua:

O que a poesia nos possibilita - e só ela pode nos possibilitar - é, na linguagem, uma melhor compreensão dos nossos sentimentos por meio da comparação com os sentimentos dos outros; e uma melhor compreensão dos sentimentos dos outros por meio da comparação com os nossos sentimentos (2005, p. 15).

Todavia, como podemos falar na possibilidade de uma pessoa negra compreender os seus sentimentos e suas vivências individuais e coletivas por meio da poesia e literatura, quando por muito tempo a representação de pessoas negras, no espaço literário, era ou inexistente ou cheia de estereótipos negativos? Nessa perspectiva, Luiz Silva Cuti, em seu livro *Literatura negro-brasileira* (2010), menciona que:

Quando se estudam as questões atinentes à presença do negro na literatura brasileira, vamos encontrar, na maior parte da produção de autores brancos, as personagens negras como verdadeiras caricaturas, isso porque não só esses autores se negam a abandonar sua brancura no ato da criação literária, por motivos de convicções ideológicas racistas, mas também porque, assim, acabam não tendo acesso à subjetividade negra (Cuti, 2010, p.88).

Desse modo, em consonância com isso, Ferreira (2017), quando comenta o processo de inferiorização da pessoa negra realizado durante o processo de colonização, afirma:

O colonizador europeu inventou uma imagem falsa do homem africano como se este não fosse um ser humano dotado de cultura e inteligência, mas um animal abaixo da linhagem humana, quase irracional ou de “raça inferior”, que havia nascido para ser escravo. Histórias, lendas, anedotas, piadas estigmatizam e deformam o caráter do negro, fixando-lhe o estereótipo de indivíduo “feio”, “malvado”, “libidinoso”, “horrendo”, “mau”, que suscita medo às crianças brancas (Ferreira, 2017, p.57).

A partir desse cenário, começamos a compreender a relevância de produzir, consumir e analisar a literatura e poesia de autoria negra. Pois, a poesia tem o potencial de ser uma poderosa ferramenta para contestar estereótipos e narrativas que marginalizam e desumanizam pessoas negras. Em muitos aspectos, a valorização dessa poesia simboliza o nascimento do sujeito que agora pode contar a própria história e assim reivindicar a sua própria identidade:

A importância para o negro, do exercício da produção literária que representa, no limite, a busca da própria existência, que é reafirmada no ato de enunciação poética. Logo, é através do texto literário que se realiza a sua transmutação de objeto para sujeito. Na medida em que o poeta está interessado neste ressurgimento, não apenas para si próprio, mas para o grupo ao qual se sente ligado e do qual se torna o portavoz privilegiado, a distância entre o eu (sujeito enunciador) e o tu (sujeito destinatário) se reduz, recriando a unidade de nós (Bernd, 1992, p. 270)

Nessa perspectiva, Ezra Pound, em seu livro intitulado *ABC da Literatura* (2006, p. 32), afirma que a “Literatura é carregada de significado”. Que esse significado se torne cada vez mais plural e diverso e que permita que a nossa literatura se torna mais rica.

1.2 A Grande Tríade da existência poética

Quem seria o poeta sem a sua obra e a obra sem aqueles que podem concretizar a sua existência para o grande público? Dito isso, consideramos importante apresentar brevemente essa tríade: autor, obra e editora, considerando o fato do poeta, aqui estudado, ser ainda pouco conhecido pelo público, dentro e fora do espaço acadêmico.

Jorge Augusto é poeta e professor, soteropolitano do bairro da Liberdade. É doutor em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e do Instituto Federal Baiano e compõe a direção do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI/ITB). Coordena ainda os grupos de pesquisa Perifa, do Instituto Federal Baiano, e Rasuras, da UFBA. Publicou, como organizador, o livro *Contemporaneidades Periféricas* (2018) e edita a revista de literatura brasileira contemporânea *Organismo*.

Jorge Augusto se dedica há anos a divulgação de poesia por meio da revista *Organismo*, editada por ele. Agora o autor nos brinda com outra de suas facetas: a de poeta. Sua obra de estreia, *O Mapa de Casa* (2023), marcada pela elaboração dos sentidos de origem e casa: o bairro da Liberdade, em Salvador, lugar de memória onde se misturam alegrias e dores, surge em toda sua complexidade e riqueza.

A obra *O Mapa de Casa* (2023) faz parte da série de plaquetes do *Círculo de poemas*. Nela, os/as escritores/as foram convidados/as a escolher o mapa de um lugar — real, inventado, desejado — e escrever a partir dele. Os poemas de Augusto conversam tanto com o mapa, via *Google Maps*, do bairro da Liberdade, quanto com desenhos de Jeferson Bispo, amigo e personagem dos poemas. Mapas e desenhos acompanham a edição.

O *Círculo de Poemas* é uma coleção de poesia e um clube de assinaturas que nasceu da parceria entre as editoras Fósforo e Luna Parque. Aliando o caráter plural do catálogo da Fósforo e o trabalho na edição de poesia feito pela Luna Parque, a coleção dedica-se à publicação de autores/as nacionais e estrangeiros/as, inicialmente compreendidos/as entre os séculos XX e XXI. Em 2022, cada poeta convidado trabalhou com uma imagem anterior ao século XX para escreverem seus poemas. Em 2023, os escritores/as são convidados a escolher um mapa de um lugar real, inventado ou desejado e escrever a partir dele.

2. DESBRAVANDO OS ESPAÇOS URBANOS NA OBRA *O MAPA DE CASA*

Os espaços urbanos são permeados por uma multiplicidade de narrativas e vivências que se entrelaçam e se transformam ao longo do tempo. Cada rua, cada esquina, cada casa, carrega consigo camadas de história e significado, refletindo não apenas o passado, mas também o presente e o futuro da comunidade que a habita. Nesse sentido, a cidade se torna não apenas um espaço físico, mas também um espaço simbólico onde se manifestam conflitos, aspirações e sonhos coletivos, moldando assim as identidades individuais e coletivas.

Em vista disso, foram escolhidos três poemas da obra *O Mapa de Casa* (2023), do poeta Jorge Augusto que evidenciam essas multiplicidades de narrativas e vivências. São eles: “Iniciação”, “Retratos de casa” e “Paisagens de casa”. A análise sempre levará em conta três aspectos: o título do poema, o contexto que o poema evoca e suas conexões com estudos teóricos-críticos da história e literatura negra.

Como defende Travassos (2003), o título é:

[...] uma parte privilegiada do texto, pois, devido a sua posição, é o primeiro elemento a ser processado. Ao mesmo tempo em que nomeia textos de diferentes gêneros sugerindo e despertando o interesse do leitor para o tema, o título estabelece vínculos com informações textuais e extratextuais orientando o leitor para a conclusão a que o mesmo deve chegar. Boa parte da compreensão de um texto é monitorada pela interpretação do título e mesmo não sendo o único organizador de expectativas nem o fator decisivo na compreensão de um texto, um título pouco claro e mal proposto pode dar margens a distorções na compreensão (Travassos, 2003, p. 56).

Em outras palavras, o título nunca deve ser subestimado, pois vai além de uma mera etiqueta para diferenciar um texto do outro e muito menos é apenas um acessório estético no topo do texto, principalmente quando pensamos em poemas. Ele oferece, muitas vezes, pistas cruciais sobre o conteúdo, o tom e até mesmo o estilo do poeta. Muitas vezes cria, intencionalmente, uma expectativa no leitor ou leitora, guiando sua interpretação e preparando-o para a experiência de ler o poema, obviamente, essa expectativa pode ser ou não atendida no final da leitura, o que torna a experiência do poema mais enriquecedora.

No que se refere ao contexto invocado pelo poema, é necessário compreender que nenhum texto está solto no tempo ou espaço, sendo necessário levar isso em conta quando analisamos o texto poético; além disso, as conexões com estudos teórico-críticos podem ampliar as possibilidades de interpretação.

[...] é preciso ter em mente que o poema está enquadrado em uma visão de mundo, a do poeta: e que reflete, direta ou indiretamente, um contexto histórico-social. Eventualmente, a interpretação pode ser enriquecida graças a um paralelo com outros textos do mesmo autor ou época, ou com outros poemas de temática semelhante. Como muitos temas são universais e válidos em diferentes épocas, cada leitor fará a

sua interpretação em função do momento e do lugar em que vive, assim como de seu repertório de leitura. (Goldstein, 2006, p. 98)

Não queremos com isso criar uma fórmula para analisar poemas e nem mesmo passar a ideia de hierarquização, cada análise é única por natureza e seria improdutivo massificar o nosso olhar diante de uma produção literária.

não há "receitas" para analisar e interpretar textos; isso nem seria possível, dado o caráter particular e específico de cada criação de arte e considerada, igualmente a variedade de contextos que podem envolver cada leitura. O próprio texto e o próprio contexto devem sugerir ao estudioso quais as linhas de seu percurso. Mas, de certo modo, é possível pensar em "técnicas" de análise que seriam uma espécie de apoio para a leitura do poema. (Goldstein, 2006, p. 12)

2.1 Iniciação: Resistência, memória e transformação

Além do sentido mais obvio que o termo iniciação tem, que é o ato ou efeito de iniciar algo, não é difícil acabar pensando nos ritos de iniciação que existem em diferentes culturas como uma possibilidade de sentido. Em um primeiro momento, a ideia de um rito de iniciação ou de passagem pode parecer um pouco arcaica, mas um rito de passagem nada mais é do que um processo que um indivíduo passar para ser aceito ou reconhecido com algum tipo de *status* diante de um grupo, ou seja, o batismo de bebê na Igreja, um aniversário de um adolescente de 15 anos, o primeiro emprego, podem simbolizar ritos de passagem em diferentes culturas.

Refletindo dentro do contexto do poema, o/a leitor/a poderá ser levado/a a criar duas possibilidades de expectativas diante do poema, a primeira, que é a mais simples, é que o eu lírico irá presenciar o princípio ou dar início algo é importante, mais que, dificilmente, poderia caracterizar como um rito de passagem. A segunda possibilidade seria de fato o eu lírico estar passando um processo de transformação/passagem de estado. É importante dizer que esse processo pode ser a nível mental no qual o eu lírico vai passar ou está passando que pode ou não se manifestar externamente em uma ação.

Diante do que foi exposto, é pertinente adentrarmos na análise dos versos para avaliar se tais expectativas são confirmadas ou refutadas.

I

nos nomes das ruas e dos homens
ninguém era negro: bispos, fernandes
albuquerque, ferreiras e castros todos
escondiam nossas vidas em segredo

rua lima e silva, transversal a pero vaz
avenida padre antônio vieira, paralela
a santa mônica: invasores, gerais e santas
grafados nas placas, muros e postes

não era diferente nos mercados, padarias
e farmácias os mesmos nomes repetidos
sinhô, sinhá, são isso, santo aquilo, tudo
a nossa volta ordenava o mesmo sacrifício
(Augusto, 2023, p. 22)

As primeiras três estrofes fazem nitidamente uma referência ao fato de que um número grande de ruas, avenidas e outros espaços públicos brasileiros homenageia figuras de pessoas brancas, as quais, frequentemente, estão relacionadas com a escravidão ou a Ditadura Militar brasileira. Em contrapartida, há pouca representação de pessoas negras nos nomes desses espaços públicos, mesmo que exista um grupo considerável de pessoas negras que marcaram positivamente a história do nosso país.

Uma indagação válida sobre esse tema é a relevância da representação dos mais diversos grupos sociais nos nomes atribuídos aos espaços públicos, bem como a explicação para sua ausência. Nesse viés, em seu artigo intitulado “Etnografia de Espaços Estatais: Os Nomes das Ruas da Cidade de São Paulo”, o pesquisador Danilo César Souza Pinto sustenta:

Os nomes podem ser referências (e com certeza os são), mas não somente. Os nomes de lugares para nós, além de referências precisas (já que a homonímia é teoricamente proibida), também são mecanismos de criação do passado, de -um passado oficial, de uma construção histórica, de exaltação da memória de heróis, visto que são dados por lei e algumas vezes suscitam disputas. Se, por um lado, as ruas com nomes de desconhecidos, de plantas, animais etc. podem ser apenas referenciais para a maioria das pessoas, para a família que foi homenageada, no caso de pessoas pouco conhecidas, não se trata apenas disso. Se as grandes ruas com grandes nomes são uma forma mais eficaz de perpetuar a memória dos grandes heróis e grandes acontecimentos, as pequenas ruas dos bairros distantes também carregam uma carga sentimental, pelo menos para as famílias das pessoas que foram homenageadas com nomes nesses logradouros e, às vezes, para seus próprios moradores (Pinto, 2015, pp. 15-16).

A conclusão é que a inclusão de nomes de pessoas negras em espaços públicos serviria como uma poderosa forma de preservar e transmitir a memória individual e coletiva, promovendo um senso de pertencimento genuíno, fortalecendo sua conexão emocional com o lugar onde vivem e criando uma identidade forte e sólida em relação ao passado, presente e futuro.

Além disso, a grande ausência dessa representação demonstra um apagamento histórico e cultural deliberado das contribuições feitas por indivíduos negros para o desenvolvimento de uma região, resultando em uma narrativa incompleta e distorcida da história local que, muitas vezes, privilegia figuras e eventos brancos, marginalizando as histórias e conquistas da comunidade negra. Essa omissão contribui para a perpetuação de uma visão de mundo eurocêntrica e excludente que nega a diversidade e complexidade da sociedade.

Sob essa ótica, na sua introdução, a Enciclopédia negra: biografias afro-brasileira confirma esse apagamento histórico:

Um grande e constrangedor silêncio habita a maior parte dos arquivos brasileiros e coloniais, e, sobretudo, dos nossos manuais e livros didáticos. Neles, enquanto os registros de atos empreendidos pela população branca estão por toda parte, as referências acerca da imensa população escravizada negra que viveu no país, desde meados do século XVI até praticamente o fim do século XIX, são bem escassas. Ainda são muito pouco mencionados os negros e as negras que conheceram o período do pós-abolição; aquele que se seguiu à Lei Áurea, de 13 de maio de 1888, a qual, longe de ter sido um ato isolado e “redentor”, fez parte de um processo coletivo de luta incessante pela liberdade, protagonizado por negros, libertos e seus descendentes. Por fim, se hoje as fontes documentais se multiplicaram, fora da bibliografia especializada são raros os registros das atuações desses grupos, e também do racismo e da violência cotidianos, com seus personagens sendo condenados, ao menos numa história mais oficial, a uma dupla morte: a física e a da memória. (2021, p. 9)

Partiremos agora para a segunda parte do poema:

II

só os apelidos: Guto Jeu Peu Fel Babão, nos
escondiam do zodíaco, nenhuma astrologia
nada, além dos búzios, nos dava futuro

queríamos outra sorte sonhávamos
com um drible de corpo enganar a
morte virar a curva pegar o norte

a nossa vida era outra ouro no pes-
coço boné da nike tênis adidas
beijar, feliz, a boca das meninas

Os primeiros versos estabelecem uma conexão com a parte I do poema. Na primeira parte do poema diz que os nomes que eram dados às ruas faziam que a vida do eu lírico e daqueles próximos a ele ficassem em segredo, ou seja, ocorria um processo de invisibilização do indivíduo. Na segunda parte do poema, o eu lírico afirma que os seus apelidos têm a capacidade de escondê-los do “zodíaco”. Portanto, parece razoável concluir que esse “zodíaco” simboliza o conjunto de nomes já citados na parte I.

Nessa perspectiva, é interessante notar também a forma como o termo “zodíaco” e “búzios” estão colocados nos versos parecendo indicar uma oposição entre os termos, embora ambos tenham teoricamente a mesma função: fornecer informações sobre o futuro. Desse modo, levando em conta as origens de cada prática, a escolha dos búzios parece indicar uma reafirmação das suas origens africanas.

A terceira e quarta estrofes transmitem um sentimento de desejo por algo melhor, por outra vida e o desejo de não morrer. “Morrer” aqui pode ser entendido tanto de forma literal

quanto simbólica, já que a temática representação e visibilidade já foram abordados nas estrofes anteriores.

Seguiremos para a terceira e última parte do poema:

III

mas a gente reinventava os nomes
nossa senhora, virou cadê o homi
rua lima e silva ficou liberdade

à revelia das placas se batizava
outra cidade, uma memória rebelde
contra a herança covarde, como se

cada rua, esquina, travessa ou viela
iniciada fosse reintegração de posse
luta contra o esquecimento e a morte

A terceira parte do poema pode ser definida como a grande tomada de ação do eu lírico. Nesse momento do poema, ele não apenas transmite a sua insatisfação, mas, também, toma uma decisão em relação a ela como uma forma de garantir a sua existência como sujeito.

Dessa maneira, podemos perceber que em uma primeira camada interpretativa, o título “Iniciação” não está relacionado com o conceito de rito de passagem teorizada no início dessa análise, mas sim com a iniciativa rebelde de dar novos nomes aos espaços públicos como uma forma de resistência diante da invisibilidade social.

Todavia, em uma segunda camada interpretativa, podemos observar um movimento de amadurecimento do eu lírico, já que o poema é dividido em três partes. A primeira estaria relacionada com enxergar o problema social, a segunda parte expressa o desejo e a terceira e última a tomada de ação. Assim sendo, em certo nível, podemos dizer que o eu lírico passou por uma espécie de rito de passagem que marca o processo de amadurecimento subjetivo e identitário eu lírico.

2.2 Retratos de casa: O além entre os aléns periféricos

O retrato é um gênero da pintura ou fotografia que tem a intenção de representar um indivíduo ou grupo com as mais diversas finalidades. Dentro da conjuntura de um título de poema, uma possibilidade interpretativa é que a frase ‘retratos de casa’ simbolize que o eu lírico irá fazer recortes durante o decorrer do poema sobre a própria vida doméstica ou da sua família, levando em conta que a palavra ‘casa’ não se restringe apenas ao espaço físico, mas, também, às interações entre indivíduos da mesma casa.

Vejamos se essa primeira impressão criada pelo título se concretiza ao longo do poema ou não:

duzentos e cinquenta mil degraus
de escadas: descer-subir-descer
sem chegar ao céu ou ao inferno

pagando promessa por estar vivo

o relógio quebrado parece o tempo
sempre no passado o calendário
tbt vencido com fotos do paraíso

enfeitava a casa de resto desolada

Andar em círculos e não chegar a lugar nenhum parece ser um resumo apropriado para o sentimento transmitido pela primeira estrofe do poema. Além disso, temos a ideia de que essa repetição do ato de subir e descer escadas acontece por causa de uma espécie de dívida ou punição por estar vivo. Nessa perspectiva, o conceito de estar aprisionado em um ciclo de repetição pode nos fazer lembrar de uma das histórias mais conhecidas da mitologia grega: o mito de Sísifo.

Depois de enganar Tânatos, a personificação da morte, diversas vezes, os deuses o condenaram a uma punição eterna: rolar uma pedra até o topo de uma montanha, mas sem jamais conseguir concluir a tarefa:

Um dia, porém, Tânatos veio buscá-lo em definitivo e os deuses o castigaram impiedosamente, condenando-o a rolar um bloco de pedra montanha acima. Mal chegado ao cume, o bloco rola montanha abaixo, puxado por seu próprio peso. Sísifo recomeça a tarefa, que há de durar para sempre. (Brandão, p. 226)

Fazendo um paralelo a partir do exposto, é possível que o eu lírico esteja preso a rotina desgastante e diária da sobrevivência sem perspectiva de mudança, ou seja, sem chegar ao céu ou ao inferno.

Uma outra perspectiva de observar esses versos é através de um viés religioso. Muitas vertentes religiosas ensinam que existe um lugar intermediário entre o céu e o inferno e dentro da tradição católica existe a ideia de purgatório. No artigo “O purgatório e seu nascimento no catolicismo popular brasileiro”, o pesquisador Wanderley Reis da Silva afirma que “Através da liturgia do Sacrifício Eucarístico existe a implicação de encarar a vida no *post mortem* - após a morte – além do Céu e Inferno, ou seja, a ideia de um lugar intermediário que permeia a mentalidade religiosa do homem medieval” (Silva, 2016, p. 115).

Sendo assim, é possível relacionar esse lugar intermediário de existência com o estado de incerteza que a mãe demonstra em outro momento do poema, assunto que será discutido mais adiante. Prosseguindo com a análise do poema, vamos agora examinar a estrofe seguinte:

a avenida peixe "deu no noticiário"
 pai: "por que só tem peixe preto
 no aquário?"—"são mais baratos"

A atitude do eu lírico de perguntar ao pai sobre a questão dos peixes parece remeter ao hábito de perguntar que muitas crianças têm com os adultos, em especial, com os pais e, talvez, isso indique que o sujeito lírico do poema seja uma criança, pré-adolescente ou quem sabe um adulto relembrando partes da sua infância.

Nesse viés, é intrigante a resposta do pai sobre o motivo de ter apenas peixes pretos no aquário – “*são mais baratos*” – e, dentro da sequência dos versos do poema, isso ocorre depois da afirmação que a avenida peixe passou no noticiário. Infelizmente, na maioria das vezes que pensamos os motivos que fazem com que uma rua/avenida seja citada no telejornal, eles tendem a ser por razões negativas, frequentemente ligadas à violência e a criminalidade, e talvez isso se dê pelo foco desequilibrado, estereotipado e sensacionalista que muitos veículos de notícias adotam. Partindo dessa linha de raciocínio, não é difícil imaginar que os peixes pretos citados aqui simbolizam pessoas de pele negra, já que esse grupo social, lamentavelmente, muitas vezes, só é lembrado pelos meios de comunicação pelos mesmos motivos: violência e criminalidade. Assim sendo, a escolha do elemento aquário nessa estrofe não é gratuita, podendo representar perfeitamente a ideia de aprisionamento, já que o ambiente natural de peixes não é em um espaço confinado.

Desse modo, com todas as bases lançadas, é possível construir uma das imagens mais vistas nos jornais: homens ou mulheres negras, possivelmente periféricos, dentro de uma viatura policial, sendo levados para a prisão. Assim, passamos a compreender o sentido e o motivo da pergunta e, por consequência, a sua resposta, ou seja, por que há mais pessoas negras presas do que pessoas brancas?

Continuando a nossa análise, abordaremos as próximas estrofes do poema:

a janela lá de casa dava para o quintal
 de Dona Marta de vez em quando
 oferendas, bichos e batuques
 barulhos de festas com danças e ritos
 minha mãe se benzia e nos obrigava
 uma espécie de reza pra fechar o corpo
 não se podia falar nem ir àquele mundo
 seus nomes seu jogo seus "monstros"
 apagava a luz pra deixar tudo no escuro
 minha mãe ordenava o "não", não

olhar pela greta da janela não dançar
nem ouvir, não achar bonito, não – rezar

mas era o medo sempre mentiroso
de quem nos deixava na mão da benzedeira
ao menor sinal de doença, olhado, ou outro
malogro como o feitiço que me curou da asma

Aqui, o eu lírico menciona certa contradição sobre o comportamento de sua mãe em relação às restrições de ordem religiosa impostas por ela. Em um primeiro momento, a mãe exige que o filho não tenha nenhuma espécie de contato com o que acontece no quintal de Dona Maria, mostrando até mesmo certo grau de intolerância religiosa; no entanto, isso sempre muda ao menor sinal de surgimento de alguma doença, fazendo com que ela leve o eu lírico à benzedeira.

Assim, esse trecho do poema explorar um conflito religioso entre a crença cristã e as de matrizes africanas que tem como resultado um tipo de apropriação cultural. Nessa perspectiva, a corrente cristã é evidenciada pelo ato de se benzer por parte da mãe diante do que acontece no quintal de Dona Maria, o que parece remeter ao hábito que muitos católicos têm de fazer o sinal da cruz, seja como sinal de respeito quando está em um lugar sagrado ou para invocar algum tipo de proteção. Já a corrente de matriz africana é apresentada na descrição das práticas religiosas que acontecem no mesmo quintal já mencionado.

Dessa maneira, é indispensável dizer que a apropriação cultural demonstrada no comportamento da mãe não acontece por livre e espontânea vontade, mas por necessidade, pelo menos, nesse contexto. Naturalmente, é preciso esclarecer os sentidos e aspectos que envolvem essa necessidade, os quais vão além do óbvio. Vejamos as próximas estrofes:

parecia mais o receio de não poder apostar

na pule da salvação, no deus dos exércitos
do pecado e do perdão, do castigo, da punição
arriscar isso parecia se condenar em definitivo
então, todo dia no rádio sobre a geladeira

um padre anunciava a salvação, benzia a água
e prometia: perdão, emprego, farinha, feijão
essa era às vezes a única garantia que se tinha

e então confortada, a alma, ou algo que a valha
na esperança de que o abismo não nos olhe de volta
no jogo entre nietzsche e nossa senhora, o impor-
tante era estar em casa, todo dia, às dezoito horas

Fica evidente que o sincretismo ocorre devido ao medo de apostar toda a sua esperança em um único sistema de crenças e estar equivocada, principalmente, quando pensamos que um

dos sistemas de crenças demonizar o outro em questão, mas os dois têm o poder de fornecer ajuda e um lugar de refúgio, sejam eles mentais ou físicos, diante das mazelas da vida.

Sob esse viés, as pesquisadoras Berthe (2023) e Mariz (1991) abordam a igreja como forma de refúgio em duas perspectivas diferentes:

Não é casual a quantidade de igrejas evangélicas e de bares que se observam nas favelas e periferias. Ambas, drogas e igrejas, são polos de alívio subjetivo das pressões sociais que a triangulação raça, classe e gênero causam. [...] As igrejas redimem e os bares ajudam a afogar sentimentos reprimidos [...] (Berthe, 2023, p. 139)

No catolicismo tradicional e nas religiões afro-brasileiras (especialmente aqueles grupos com maior influência do espiritismo kardecista), é atribuído um significado religioso à doação de bens aos mais necessitados. A chamada caridade com os mais pobres é central nestas visões religiosas. (Mariz, 1991, p. 15)

Certamente é oportuno considerar que o medo externalizado pela mãe não tem a sua origem apenas nela mesma, mas sim em um processo histórico de associação dos ritos de origem africana com práticas demoníacas. Isso ocorre, em parte, devido à correlação feita entre o orixá Exu e o Diabo cristão:

Sua identificação histórica com o diabo cristão se estabeleceu, portanto, não devido a suas características funcionais, mas sim a aspectos relativos a sua aparência. A rejeição do culto aos orixás e as perseguições empreendidas pelos senhores brancos criaramnos escravos a necessidade de encontrarem entidades cristãs que os representassem. Como Exu é uma divindade do fogo, à qual eram atribuídos chifres, membro viril e sexualidade sem freios, assemelhando-se à representação do diabo cristão [...] (Nascimento, Souza, Trindade, 2001, p. 108).

De qualquer forma, entre esses abismos nietzschianos, segundo a mãe, o mais importante é que seu filho chegue em casa até as 18h. Ato que significa um gesto de cuidado-desespero de uma mãe negra que quer preservar a vida do seu filho negro, alvo preferencial das balas perdidas que sempre encontram os corpos com o mesmo perfil.

2.3 Paisagens de casa: Uma cascata de processos históricos

Quando pensamos no conceito de paisagem, nos vem à mente um cenário amplo, talvez envolvendo uma grande quantidade de elementos naturais ou urbanos a perder de vista. Associando o termo ‘paisagens’ ao termo ‘casa’, podemos supor que o eu lírico irá passear talvez por sua cidade natal. Vamos analisar se essa hipótese procede:

a arquitetura colonial das casas
sem sacadas, apertados quarto-salas
umas sobre as outras amontoadas
montanhas de casas em cascata

Desse modo, os primeiros versos do poema invocam a imagem tradicional das favelas, onde as casas são construídas de tal forma a parecer que estão amontoadas umas sobre as outras formando uma verdadeira cascata. Sendo assim, é interessante notar como são as configurações dessas casas: *a arquitetura colonial das casas / sem sacadas, apertados quarto-salas*.

Nessa perspectiva, a sacada é tradicionalmente um espaço de descanso e lazer na casa brasileira e a falta desse espaço pode representar uma ausência do direito ao conforto e lazer para aqueles que nela residem. Além disso, não existe uma divisão entre os cômodos, algo que vai se explanado mais tarde no poema.

continuavam o drama do exílio
meninos mortos, meninas nuas
corpos pisoteados e esburacados
como as ruas, avenidas e becos

A expressão ‘*continuavam o drama do exílio*’ parece indicar que eu lírico não pertence ou não tem o sentimento de pertencimento ao lugar que vive atualmente. Levando em conta o contexto histórico da formação da população brasileira, os negros foram um povo exilado das suas terras natais, seus filhos, nascidos ou não em terras estrangeiras, foram mortos e suas filhas violadas e a situação dos seus descendentes atuais não parecem ter mudado muito:

A condição dos africanos e seus descendentes como “corpos escravos”, “objetos a serem usados” no período escravocrata deixou as suas consequências no pensamento e na organização social até os dias de hoje. Experimentando outras formas de exclusão, os afro-brasileiros ocupam um lugar incômodo na sociedade brasileira. (Rufatto, 2012, p. 23)

Dessa maneira, a consequência de ocupar esse lugar incômodo que Rufatto (2012) cita, pode ser evidenciada de forma trágica pelo *Atlas da Violência 2023*, que afirma que 77,1% do total de homicídios no Brasil ocorridos no ano de 2021 foram de pessoas negras, contabilizando 36,922 mortes.

os degraus de escada sobre o esgoto
eram a arquibancada em dia de domingo
o bingo era acertar a vida dos outros
apostar cervejas no resultado do jogo

Outrossim, refletindo um pouco mais sobre a arquitetura urbana das periferias brasileiras, é relativamente comum encontrar escadarias nesses espaços para facilitar a locomoção dos moradores a locais mais elevados ou mais baixos da comunidade, tendo em vista que muitas das moradias são construídas em terrenos íngremes. Sendo assim, esse elemento é apresentado no poema como parte do cotidiano, onde, eventualmente, poderiam observar as vidas de outras pessoas e tentar adivinhar como elas são, em uma espécie de bingo.

Dessa maneira, a citação da escada sobre o esgoto não é gratuita, já que, infelizmente, a falta de saneamento básico é relativamente comum e reflete a desigualdade social e econômica presente nesse espaço urbano. É interessante também notar que essa é a única estrofe que parece mostrar um momento de lazer: apostar cervejas nos resultados dos jogos e o bingo já citado anteriormente. Em outras palavras, existem poucas opções de lazer para os moradores.

no mapa das casas não havia espaço
sagrado, a sala estendida entre quarto
e cozinha, o banheiro era lavanderia
parede meia, telha e varal improvisado

A partir disso, podemos inferir que a ausência de um *espaço sagrado* representar a falta de privacidade, visto que não existe uma divisão dos espaços tradicionais de uma casa comum: sala, quarto, cozinha e banheiro, retomando e ampliando a ideia apresentada na primeira estrofe. Assim, é possível também entender esse lugar sagrado em seu sentido literal, já que é comum em muitos lugares as famílias terem pequenos altares dedicados a algum santo ou algo semelhante. Nesse caso, a inexistência desse local evidencia a impossibilidade de exercer sua fé religiosa.

dentro desse lar pequeno e mal acabado
se espreme um mundo imenso, sonhos
apertados dentro de potes de mantimento
querendo ir além dos tijolos e cimento

Portanto, existe aqui uma oposição nítida entre o mundo material, *lar pequeno e mal acabado*, e o mental, *um mundo imenso, sonhos apertados dentro de potes de mantimentos*. Levando em conta os elementos apresentados durante todo o poema, podemos pensar sonhos tais como ter uma vida melhor, uma casa com uma estrutura adequada para o conforto de todos, morar em um lugar seguro, ter mais momentos de lazer, entre muitos outros anseios que passam pela cabeça de muitos que moram nas periferias do nosso país.

Diante de tudo o que foi dito, é relevante abordar a conexão entre a história da formação das favelas no Brasil, o racismo e, consequentemente, com a escravidão do povo negro. Após a abolição da escravidão, a população negra foi “simplesmente” largada na sociedade sem os meios necessários para se desenvolver. Muitos continuaram nas fazendas que onde foram escravizados, com intuito de trocarem a sua força de trabalho por comida. Aqueles que se aventuraram nas cidades não obtiveram muito sucesso devido à grande competição com os imigrantes europeus:

[...] imigrantes europeus que foram trazidos para cá, não para suprir a mão de obra escravista mediante remuneração, mas para atender o desejo higienista e eugenista de *limpa* a negritude de todo e qualquer espaço. A população branca europeia foi usada como vassoura em uma tentativa de varrer a negritude e todo horror da escravização

que já se chocava com os ideais de moralidade/modernidade que aguçavam o sentimento de culpa na branquitude. Mas como a culpa não mobiliza mudanças tal qual acontece com a responsabilização, a política de branqueamento entrou como paliativo. (Berth, 2023, p. 122)

Assim, essa falta de suporte e oportunidades adequadas perpetuou um ciclo de desvantagem socioeconômica para a comunidade negra, dificultando sua ascensão e integração digna na sociedade.

Podemos dizer que a hipótese levantada inicialmente se concretizou e o eu lírico de fato visitou diversos locais durante o poema, iniciando com um plano geral da configuração do espaço urbano, passando posteriormente pelas ruas, avenidas e becos da cidade, e finalizando suas ponderações com o elemento casa, em outras palavras, o eu lírico faz suas críticas sociais do macro para o micro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi analisar os vários aspectos da vivência negra dentro da cidade presentes nos poemas “Iniciação”, “Retratos de casa” e “Paisagens de casa” extraídos da obra poética *O Mapa de Casa* (2023), do poeta baiano Jorge Augusto, por meio de abordagem bibliográfica e qualitativa. Assim, os poemas selecionados abordaram três grandes esferas da vivência humana: individual ou mental, familiar e com o meio em que se vive.

Desse modo, as reflexões do poema “Iniciação”, nos mostrou a importância do sentimento individual de pertencimento a um lugar. O poema “Retratos de casa” nos revelou que as dinâmicas familiares e religiosas são complexas, e o poema “Paisagem de casa” como processos históricos explicam a situação precária das periferias. Em suma, como ficou evidente nas análises, a cidade tem um grande impacto na identidade de um indivíduo, tanto de forma sentido positivo quanto negativo.

Nessa perspectiva, compreende-se, mais uma vez, a importância da literatura como uma ferramenta de conscientização, quebrando narrativas que marginalizam e desumanizam pessoas negras. Logo, espero com esse trabalho lançar luz sobre as questões que envolvem as vivências negra dentro do contexto da cidade e ajudar a compreender a importância de obras como *O Mapa de Casa* (2023) como uma forma de afirmação identitária.

Dessa maneira, é relevante dizer que não se tem com esse trabalho a intenção de finalizar as reflexões referentes a obra *O Mapa de Casa* (2023) e muito menos as discussões relacionadas às vivências de pessoas negras dentro da cidade, mas sim ampliar e divulgar essas temáticas para o público acadêmico ou não.

Como expõe Goldesten (2015):

A interpretação dificilmente será a palavra final se for feita por uma só pessoa. O texto literário talvez seja aquele que mais se aproxima do sentido etimológico da palavra “texto”: entrelaçamento, tecido. Como “tecido de palavras”, o poema pode sugerir múltiplos sentidos, dependendo de como se percebe o entrelaçamento dos fios que o organizam. Ou seja: geralmente ele permite mais de uma interpretação. Dada a plurissignificação inerente ao poema, a soma das várias interpretações seria o ideal. (p.12)

Nesse sentido, as relações entre memória, identidade e cidade nunca serão estáticas, mas dinâmicas e complexas. Pois, à medida que as cidades se transformam e evoluem, também se transformam as memórias que nelas estão enraizadas e as identidades que delas emergem. Da mesma forma, as mudanças nas identidades individuais e coletivas influenciam a maneira como as cidades são percebidas e vivenciadas, criando um ciclo contínuo de interação e influência mútua entre o espaço urbano e aqueles que o habitam.

Que esta pesquisa seja uma fonte de inspiração para as pessoas que valorizam, assim como eu, a literatura e a poesia, em especial a literatura e poesia de autoria negra brasileira.

REFERÊNCIAS

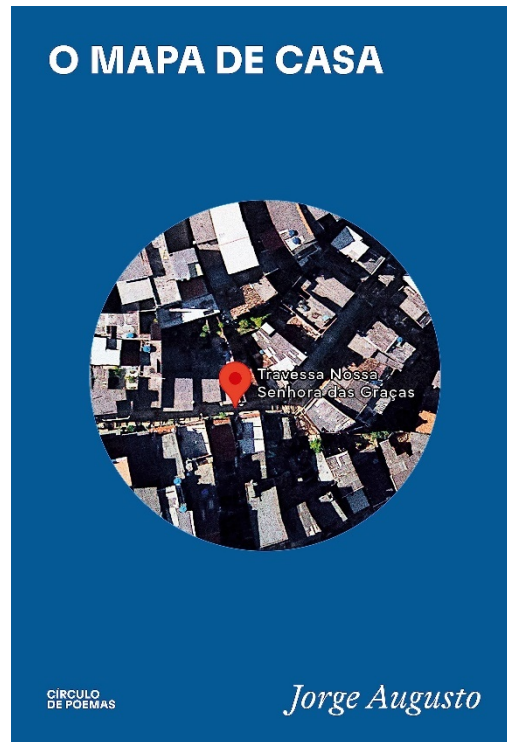
- AUGUSTO, Jorge. **O Mapa de Casa ou travessa nossa das graças**. São Paulo: Círculo de Poemas, 2023. 40 p.
- BERND, Zilá. Literatura Negra. In: JOBIM, José Luis (org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 267 – 275.
- BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismo e opressões nas cidades**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023. 288 p.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2023. 224 p. Maria Leticia Ferreira.
- CUTI, (Luiz Silva). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DA VIOLÊNCIA, IPEA Atlas. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia>. Acesso em 24 de mar. de 2024, v. 13, 2023.
- DA SILVA, Wanderley Reis. O purgatório e seu nascimento no catolicismo popular brasileiro. **Revista Teológica**, [S.l.], n. 10, jan. 2016. ISSN 2674-7898. Disponível em: <<http://ead.teologica.net/revista/index.php/teologicaonline/article/view/9>>. Acesso em: 17 abr. 2024.
- DE SOUZA BRANDÃO, Junito. **Mitologia grega** Vol. I. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.
- DOS SANTOS GOMES, Flávio; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Enciclopédia negra: biografias afro-brasileiras**. Companhia das Letras, 2021.
- FERREIRA, Elio. **Poesia Negra: Solano Trindade e Langston Hughes**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2017.
- GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. 14. ed. rev. e atual. São Paulo: Atica, 2006. 112 p.
- KONDER, Leandro. **As artes da palavra: elementos para uma poética marxista**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARIZ, Cecília Loreto. A religião e o enfrentamento da pobreza no Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 33, 1991.
- NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso do; SOUZA, Lídio de; TRINDADE, Zeide Araújo. Exus e pombagiras: o masculino e o feminino nos pontos cantados da umbanda. In: **Revista Psicologia em Estudo**. v.6, n.2, p. 107-113. Maringá: 2001. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pe/a/Pr95jZQCdXnBypHX94bCCxv/?format=pdf&lang=pt7> Acesso em: 16 de abri. de 2024
- PINTO, Danilo César Souza. Etnografia de Espaços Estatais: Os Nomes das Ruas da Cidade de São Paulo. **Ponto Urbe - Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, 2015, p. 15- 16. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2702>. Acesso em 16 mar. 2024.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 2006.

TRAVASSOS, T. Títulos, para que os quero. In: Dionísio, A. P. & BESERRA, N. S. (Org.) **Tecendo Textos, construindo experiências**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 55-79.

RUFFATO, Luiz. (org.) **Questão de Pele**. 2012. Disponível em:
<http://www.linguageral.com.br/site/downloads/titulos/77.pdf>. Acesso em: 16 de abri. de 2024.

ANEXO

ANEXO A – O MAPA DE CASA

Capa

ANEXO B – POEMA INICIAÇÃO

Iniciação

I

nos nomes das ruas e dos homens
ninguém era negro: bispos, fernandes
albuquerque, ferreiras e castros todos
escondiam nossas vidas em segredo

rua lima e silva, transversal a pero vaz
avenida padre antônio vieira, paralela
a santa mônica: invasores, gerais e santas
grafados nas placas, muros e postes

não era diferente nos mercados, padarias
e farmácias os mesmos nomes repetidos
sinhô, sinhá, são isso, santo aquilo, tudo
a nossa volta ordenava o mesmo sacrifício

II

só os apelidos: Guto Jeu Peu Fel Babão, nos
escondiam do zodíaco, nenhuma astrologia
nada, além dos búzios, nos dava futuro

queríamos outra sorte sonhávamos
com um drible de corpo enganar a
morte virar a curva pegar o norte

a nossa vida era outra ouro no pes-
coço boné da nike tênis adidas
beijar, feliz, a boca das meninas

III

mas a gente reinventava os nomes
nossa senhora, virou cadê o homi
rua lima e silva ficou liberdade

à revelia das placas se batizava
outra cidade, uma memória rebelde
contra a herança covarde, como se

cada rua, esquina, travessa ou viela
iniciada fosse reintegração de posse
luta contra o esquecimento e a morte

ANEXO C – POEMA RETRATOS DE CASA

retratos de casa

duzentos e cinquenta mil degraus
de escadas: descer-subir-descer
sem chegar ao céu ou ao inferno

pagando promessa por estar vivo

o relógio quebrado perece o tempo
sempre no passado o calendário
tbt vencido com fotos do paraíso

enfeitava a casa de resto desolada

a avenida peixe "deu no noticiário"
pai: "por que só tem peixe preto
no aquário?"—"são mais baratos"

a janela lá de casa dava para o quintal

de Dona Marta de vez em quando
oferendas, bichos e batuques
barulhos de festas com danças e ritos

minha mãe se benzia e nos obrigava

uma espécie de reza pra fechar o corpo
não se podia falar nem ir àquele mundo
seus nomes seu jogo seus "monstros"

apagava a luz pra deixar tudo no escuro

minha mãe ordenava o "não", não
olhar pela greta da janela não dançar
nem ouvir, não achar bonito, não – rezar

mas era o medo sempre mentiroso
de quem nos deixava na mão da benzedeira
ao menor sinal de doença, olhado, ou outro
malogro como o feitiço que me curou da asma

parecia mais o receio de não poder apostar

na pule da salvação, no deus dos exércitos
do pecado e do perdão, do castigo, da punição
arriscar isso parecia se condenar em definitivo
então, todo dia no rádio sobre a geladeira

um padre anunciava a salvação, benzia a água
e prometia: perdão, emprego, farinha, feijão
essa era às vezes a única garantia que se tinha

e então confortada, a alma, ou algo que a valha
na esperança de que o abismo não nos olhe de volta
no jogo entre nietzsche e nossa senhora, o impor-
tante era estar em casa, todo dia, às dezoito horas

ANEXO D – POEMA PAISAGENS DE CASA*Paisagens de casa*

a arquitetura colonial das casas
sem sacadas, apertados quarto-salas
umas sobre as outras amontoadas
montanhas de casas em cascata

continuavam o drama do exílio
meninos mortos, meninas nuas
corpos pisoteados e esburacados
como as ruas, avenidas e becos

os degraus de escada sobre o esgoto
eram a arquibancada em dia de domingo
o bingo era acertar a vida dos outros
apostar cervejas no resultado do jogo

no mapa das casas não havia espaço
sagrado, a sala estendida entre quarto
e cozinha, o banheiro era lavanderia
parede meia, telha e varal improvisado

dentro desse lar pequeno e mal acabado
se espreme um mundo imenso, sonhos
apertados dentro de potes de mantimento
querendo ir além dos tijolos e cimento